

UM DIÁLOGO ENTRE FREIRE E OS NOVOS ESTUDOS DOS LETRAMENTOS A PARTIR DAS VOZES DOS DOCENTES

Vanessa da Silva Marcon ¹
Veronice Camargo da Silva ²

RESUMO

Este trabalho propõe um diálogo entre Paulo Freire e os Novos Estudos dos Letramentos no contexto da formação do Pacto Nacional pela Superação do Analfabetismo e Qualificação na Educação de Jovens e Adultos. Tem como objetivo analisar como os docentes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) constroem seus letramentos a partir da reflexão sobre sua prática e da ressignificação de saberes em um processo de formação contínua. A pesquisa compreende os letramentos em seus aspectos plural, situado e sociocultural, perspectiva que dialoga com o pensamento freireano, no qual os letramentos dos estudantes constituem etapa fundamental do desenvolvimento de outros e múltiplos letramentos, em um processo dialógico e emancipatório. Assim, a formação dos docentes da EJA não se restringe à aquisição de técnicas pedagógicas, mas busca promover a consciência crítica e a autonomia. Para alcançar esse objetivo, adotamos uma abordagem qualitativa, utilizando a análise de cartas pedagógicas produzidas pelos professores em formação como principal estratégia metodológica. Essas cartas configuram-se como espaços de autorreflexão e construção identitária dos docentes da EJA, bem como podem evidenciar desafios, potencialidades e os diferentes modos como seus letramentos se constituem e se transformam ao longo da trajetória profissional. A análise das cartas possibilita compreender como os educadores ressignificam suas experiências e práticas tanto no contexto da formação quanto no que se refere à influência do contexto sociocultural e das interações pedagógicas na construção de seus letramentos. Assim, esse estudo pode contribuir para a valorização do professor da EJA como sujeito ativo na construção de saberes e reforçar a necessidade de políticas formativas que reconheçam sua experiência e singularidade. O diálogo entre Freire e os Novos Estudos dos Letramentos, sustentado a partir das vozes dos docentes, possibilita uma reflexão sobre a potência dos letramentos docentes como ato de resistência e transformação social.

Palavras-chave: Letramentos, Letramentos docentes, Educação de Jovens e Adultos, Formação de professores, Pacto EJA.

INTRODUÇÃO

A formação docente na Educação de Jovens e Adultos (EJA) apresenta características que exigem maior reflexão sobre o papel social do educador, especialmente diante de desafios relacionados à exclusão, às desigualdades e à valorização das experiências de vida dos sujeitos. Historicamente, a EJA tem sido marcada por lutas em torno do direito à educação e pela necessidade de práticas pedagógicas que ultrapassem a simples alfabetização como habilidade técnica, incorporando dimensões políticas, culturais e sociais do letramento (Street, 2014; Freire, 1996).

¹ Doutoranda do PPGed da UERGS – RS, vanessa-marcon@uergs.edu.br;

² Doutora em Letras pela UCPEL – RS, Professora Adjunta UERGS – RS, veronice-camargo@uergs.edu.br.

O Pacto Nacional pela Superação do Analfabetismo e Qualificação na Educação de Jovens e Adultos - Pacto EJA (Brasil, 2024) apresenta-se como política pública de formação continuada que busca articular saberes docentes, promover o diálogo entre teoria e prática e reconhecer o educador como protagonista em seu processo reflexivo-formativo, com inspiração nos círculos de cultura freirianos, que se fundamentam no diálogo, na problematização e na construção coletiva do saber (Freire, 1991).

O Pacto parte do pressuposto freiriano de que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (Freire, 1987, p. 68). Assim, a formação continuada ocorre na troca de experiências e na reflexão coletiva sobre a prática, em que os círculos de cultura podem ser espaços de construção coletiva de conhecimento. Por meio deles, os professores compartilham suas vivências, elaboram sentidos sobre sua prática e constroem novas compreensões sobre o papel social da escola e da docência.

A escrita de cartas pedagógicas, desenvolvida durante os encontros da formação, constitui-se como uma extensão do diálogo promovido nos círculos de cultura. As cartas possibilitam a expressão da subjetividade, a elaboração de saberes da experiência e o fortalecimento da identidade docente. Através da escrita, o professor reflete sobre seu fazer e pode ressignificar sua trajetória, bem como tomar consciência de seus processos de letramentos.

Para compreender as múltiplas dimensões desse processo, o presente artigo fundamenta-se na interlocução entre três perspectivas teóricas que representam marcos teóricos fundamentais e influentes no que se refere aos modos de pensar a linguagem e que permanecem atuais e motivando pesquisas na área da educação: a pedagogia freiriana, os Novos Estudos dos Letramentos (NEL) e o dialogismo bakhtiniano. A partir de Freire, inspira-se para a metodologia formativa, na qual observamos o diálogo e conscientização; a partir de Lea, Street, Barton, Hamilton e Gee, buscamos a concepção de letramento como prática social situada e ideológica; e a partir de Bakhtin, a compreensão da linguagem como campo de interação e construção de sentidos.

O objetivo central deste trabalho é analisar como os docentes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) constroem seus letramentos a partir da reflexão sobre sua prática e da ressignificação de saberes em um processo de formação contínua. A metodologia freiriana dos círculos de cultura e a escrita de cartas pedagógicas constituem instrumentos formativos e discursivos de construção identitária que pretendem contribuir nesse processo reflexivo.

A estrutura do artigo está organizada da seguinte forma: na parte introdutória, apresentamos nossa pesquisa, que busca um diálogo a partir Freire, Street e Bakhtin; na metodologia, descrevemos os procedimentos adotados na pesquisa; em seguida, discutem-se os

resultados obtidos a partir da análise das cartas pedagógicas; e, por fim, apresentam-se as considerações finais, destacando as contribuições do estudo para o campo da formação docente na EJA.

METODOLOGIA

A pesquisa é de natureza qualitativa, em que os dados foram produzidos em um processo formativo inspirado em Freire (1991) considerando pressupostos de diálogo, escuta e problematização da realidade, bem como nas contribuições dos Novos Estudos dos Letramentos, que compreendem letramento como prática social, situada e ideológica (Street, 1984; Lea e Street, 2000; Gee, 1996).

A metodologia adotada nos encontros de formação continuada é inspirada na proposta dos círculos de cultura, que, conforme Freire (1987), configuram-se como espaços de partilha, reflexão coletiva e produção de sentidos. Esses círculos foram utilizados como ambiente formativo do Pacto Nacional pela Superação do Analfabetismo e Qualificação na Educação de Jovens e Adultos (Pacto EJA), no qual os docentes participantes puderam relatar e analisar suas práticas pedagógicas, experiências e expectativas. Assim, o processo formativo constituiu-se como espaço de produção e reflexão de saberes.

O tratamento ético dos dados foi garantido em todas as etapas da pesquisa. A identidade dos participantes foi preservada com a omissão de seus nomes e de relatos sensíveis individuais, assegurando o anonimato e a confidencialidade das informações compartilhadas nas cartas. Os participantes foram informados sobre os objetivos do estudo e autorizaram voluntariamente o uso de suas narrativas para fins acadêmicos e formativos, em conformidade com as diretrizes éticas da pesquisa em Educação.

Participaram da pesquisa professores de uma escola pública da rede estadual do Rio Grande do Sul, que atuam na modalidade EJA e integraram o Pacto EJA no primeiro semestre de 2025. Como instrumento principal para a produção de dados, utilizamos a carta pedagógica, entendida como gênero discursivo formativo e reflexivo, que permite observar a escrita como prática de letramento docente.

De acordo com Antunes (2010, p.42), o ato de escrever permite ao sujeito “ver-se como autor e, ao mesmo tempo, leitor de sua própria experiência”. Essa dimensão reflexiva contribuiu significativamente para este estudo, pois as cartas pedagógicas foram escritas pelos professores para si mesmos, no início da formação, com a intenção de serem revisitadas ao final dos dois anos de atividades.

Alguns disparadores para a reflexão a ser registrada nas cartas incluíram temas como história de vida, trajetória profissional, relação com a EJA, desafios e aprendizagens, expectativas com o Pacto EJA.

A análise foi orientada pela abordagem interpretativa e dialógica (Bakhtin, 2003), considerando cada carta como um enunciado singular, mas inserido em um contexto social, histórico e ideológico. A perspectiva dos Novos Estudos dos Letramentos contribuiu para compreender a escrita das cartas como prática social e culturalmente situada, na qual o uso da linguagem expressa valores, identidades e relações de poder ((Street, 1984; Lea e Street, 2000). A partir dessa perspectiva teórico-metodológica, as cartas pedagógicas foram analisadas não apenas como textos autobiográficos, mas como práticas de letramento nas quais emergem vozes, valores e sentidos construídos pelos professores em formação, com experiências pessoais, saberes profissionais e contextos socioculturais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Compreendida como processo contínuo e situado, a formação docente na Educação de Jovens e Adultos (EJA) possibilita articular diferentes modos de ser e de ensinar, atravessados por contextos sociais, políticos e culturais. No caso da Educação de Jovens e Adultos (EJA), essa formação precisa considerar a diversidade de trajetórias e experiências que constituem tanto os educandos quanto os educadores. Os professores que atuam na EJA carregam histórias, saberes e práticas que refletem não apenas a dimensão técnica do ensino, mas também as condições sociais e simbólicas que permeiam sua prática docente.

A análise das cartas pedagógicas se dá em um diálogo entre diferentes perspectivas teóricas que se aproximam na defesa de uma educação humanizadora e socialmente situada. De Paulo Freire, retomamos a ideia de que o conhecimento se constrói na relação dialógica entre sujeitos, em um processo de conscientização e emancipação. De Mikhail Bakhtin, adotamos a concepção de linguagem como interação e a noção de dialogismo, que permite compreender as narrativas docentes como enunciados atravessados por múltiplas vozes e contextos. Já os Novos Estudos dos Letramentos, representados por autores como Brian Street, Mary Lea, David Barton, Mary Hamilton e James Gee, contribuem para entender os letramentos docentes como práticas sociais, plurais e ideológicas, nas quais a escrita, a leitura e o ensino se articulam à cultura e às relações de poder.

Assim, entre as vozes que sustentam esse diálogo teórico, buscamos em Paulo Freire a concepção de educação como prática da liberdade ilumina a compreensão da formação docente

como um processo de conscientização e de transformação mútua. Sua reflexão sobre o diálogo e a relação entre palavra, ação e mundo amplia o sentido da docência na EJA.

A pedagogia de Paulo Freire se fundamenta na crença de que a educação é um ato político e de libertação, no qual a linguagem e o diálogo ocupam lugar central. Para Freire (1996, p.23), ensinar exige “a corporeificação das palavras pelo exemplo”, ou seja, exige coerência entre discurso e prática, entre reflexão e ação.

O conceito de círculos de cultura, metodologia desenvolvida por Freire nos processos de alfabetização de adultos, traduz o princípio da dialogicidade, em que o conhecimento é construído coletivamente. Freire (1987, p.45) afirma que o diálogo não é uma técnica, mas “a essência da educação como prática da liberdade”. No círculo de cultura, a palavra não é neutra, mas sim carregada de mundo, de história e de possibilidade de transformação.

Nesse sentido, o diálogo é uma prática de letramento (Street, 2014). A leitura e a escrita, para Freire, não se restringem ao domínio da língua, mas conduzem e são conduzidas à leitura do mundo: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra” (Freire e Macedo, 1987, p. 11). Assim, a formação docente precisa considerar os saberes e as experiências dos professores como ponto de partida para a reflexão crítica.

Ao retomar essa concepção, o Pacto EJA propõe uma formação que valoriza o professor como sujeito de saber, capaz de ressignificar sua prática a partir da problematização da realidade. As cartas pedagógicas, escritas no contexto dos círculos de cultura, tornam-se instrumentos freirianos de escuta e conscientização. Por meio delas, os professores não apenas narram suas vivências, mas também constroem novas compreensões sobre si e sobre o ensino.

O patrono da educação ressalta que “a prática educativa é sempre um ato de conhecimento, de intervenção no mundo” (Freire, 1992, p. 16). Assim, as cartas representam não apenas relatos, mas atos de conhecimento, que permitem um movimento reflexivo que une pensar e agir. Ao escrever, o professor exerce sua voz e, no exercício da linguagem, elabora sua consciência crítica e reafirma sua identidade como educador.

Essa concepção de escrita como ato de conhecimento e transformação aproxima-se das reflexões trazidas pelos Novos Estudos dos Letramentos, que ampliam o olhar sobre as práticas de leitura e escrita, situando-as em contextos sociais, ideológicos e culturais. Nessa perspectiva, escrever é também agir sobre o mundo e sobre si mesmo.

Os Novos Estudos dos Letramentos surgiram na década de 1980, como resposta às visões reducionistas que tratavam o letramento apenas como habilidade técnica. Pioneiro nesse campo, Brian Street (1984) propôs a distinção entre dois modelos: o autônomo, que entende o

letramento como conjunto neutro de competências universais; e o ideológico, que o concebe como prática social, permeada por relações de poder e contextos culturais.

Segundo Street (1984, p. 1), “não existe um único letramento, mas letramentos, no plural, pois cada prática de escrita está imersa em ideologias e instituições particulares”. Essa concepção também é discutida por autores como Barton e Hamilton (1998), que destacam a natureza local e situada das práticas de leitura e escrita, e por Gee (1990), que relaciona o letramento aos discursos sociais e às identidades que os sujeitos constroem.

Para Lea e Street (2000), o letramento envolve não apenas o domínio das convenções textuais, mas também o reconhecimento das relações de poder e das práticas discursivas que moldam os modos de participação e pertencimento. Assim, o ato de escrever e de ler está intimamente ligado ao contexto em que ocorre, de forma que (re)produz as formas pelas quais os sujeitos se posicionam no mundo.

No caso dos professores da EJA, os letramentos docentes se manifestam nas práticas pedagógicas, nos registros de aula, nas interações com os estudantes e, de modo especial, nas cartas pedagógicas, que condensam múltiplas dimensões da experiência formativa. Nelas, é possível observar o entrelaçamento entre o letramento escolar, o comunitário, o institucional e o afetivo, revelando o caráter plural e ideológico das práticas de escrita.

Barton e Hamilton (1998), afirmam que as práticas de letramento estão vinculadas às práticas sociais e às relações de poder das comunidades em que se desenvolvem, o que ajuda a compreender por que, na EJA, as práticas de escrita carregam sentidos que ultrapassam o âmbito escolar: elas se conectam com as histórias de vida dos professores e dos estudantes, com seus contextos de luta, trabalho e sobrevivência.

O diálogo com Freire é evidente, visto que o educador brasileiro compreende a alfabetização como prática de libertação e os NEL consideram o letramento uma prática cultural que expressa ideologia e poder. Com isso, é possível afirmar que os letramentos dos professores não se apresentam apenas como um conjunto de técnicas, mas um modo de ser e estar no mundo que se expressa por meio de práticas de letramentos que articulam linguagem, identidade e ação transformadora.

Em diálogo com essa visão social do letramento, o pensamento de Bakhtin contribui para compreender a palavra como espaço dialógico entre vozes. Se, para os NEL, toda prática de escrita é socialmente situada, para Bakhtin, todo enunciado é também resposta, em um gesto de interação que revela o caráter coletivo da linguagem.

Bakhtin contribui para a compreensão da linguagem como fenômeno social e dialógico. Para o autor, “a palavra é o território comum entre o falante e o interlocutor” (Bakhtin, 2003,

p. 113). Toda enunciação é resposta a outra e está carregada de vozes, valores e intenções. O conceito de dialogismo expressa a ideia de que o sentido é sempre construído na relação com o outro. A linguagem, portanto, não é instrumento passivo de comunicação, mas campo de disputa simbólica e de produção de significados. Nessa perspectiva, o sujeito é constituído nas interações discursivas, de forma que é, ao mesmo tempo, autor e produto das relações sociais que o atravessam.

As cartas pedagógicas, enquanto gênero discursivo, trazem os elementos do princípio bakhtiniano do dialogismo. São textos atravessados por múltiplas vozes: a voz do professor que escreve, a voz dos colegas formadores, dos estudantes e das instituições que os cercam, entre outras. Essas vozes se conectam, compondo uma polifonia de experiências e de sentidos sobre o ensinar e o aprender.

Para Bakhtin (2003), a palavra vive do diálogo como da sua atmosfera natural e é pepor melhor dela palavra que a humanidade se comunica, por onde transita todo o diálogo infinito da vida humana. Assim, a formação docente, quando pautada pela escrita e pela escuta, torna-se também prática de alteridade, na qual o professor se reconhece no outro e com o outro.

Neste encontro entre Freire e Bakhtin, podemos afirmar que ambos concebem o diálogo como fundamento da construção do sujeito e da consciência. Enquanto Freire enfatiza a dimensão ética e política do diálogo, Bakhtin destaca sua natureza estética e enunciativa. Isso nos permite compreender a formação docente como processo de construção de identidades discursivas, nas quais o professor se constitui como autor de sua palavra e de sua prática.

A intersecção entre o dialogismo e os Novos Estudos dos Letramentos apresenta as cartas pedagógicas como práticas de letramentos permeadas pelas dimensões sociais, ideológicas e subjetivas da linguagem. Ao narrar sua experiência, o professor da EJA se reinscreve como sujeito de discurso, apropriando-se da escrita como prática de resistência, memória e criação.

A partir dessa perspectiva teórico-metodológica, as cartas pedagógicas foram analisadas não apenas como textos autobiográficos, mas como práticas de letramento constituídas por diferentes vozes, valores e sentidos construídos pelos professores em formação, que transitam entre experiências pessoais, saberes profissionais e contextos socioculturais. Dessa forma, inspirada na concepção freireana de diálogo e na noção bakhtiniana de linguagem como encontro entre vozes, bem como ao considerar a perspectiva social dos letramentos, a análise buscou compreender como os professores da EJA constroem suas identidades e letramentos ao narrar suas trajetórias.

A escrita das cartas foi entendida como um exercício de reflexão e resposta, em que cada autor se reconhece e se refaz no movimento de narrar-se. Essa leitura se apoia também nos Novos Estudos dos Letramentos, que veem a escrita como uma prática social e ideológica (Street, 1984; Lea e Street, 2000), sempre atravessada por contextos, valores e modos de significar o mundo e a docência.

Na sequência, vamos à análise das cartas pedagógicas que, nesse contexto, podem ser vistas como espaços de escrita e leitura de si, nas quais se evidenciam as vozes, os valores e os letramentos docentes que se (re)constroem na formação continuada. Assim, as cartas foram lidas como atos de autoria e resistência, nos quais a escrita se torna espaço de reflexão, diálogo e emancipação. A seguir, apresentamos a leitura interpretativa de quatro narrativas docentes, buscando evidenciar as múltiplas formas de letramento que emergem desses textos e as contribuições para a formação e a identidade do educador na EJA, bem como o caráter reflexivo e dialógico desses registros.

Na Carta 1, o professor evidenciou uma trajetória marcada pela luta, pelo trabalho e pela constante busca de formação. Em sua narrativa, o docente relatou ser oriundo de uma família de agricultores e narra sua passagem do campo para a cidade, o abandono dos estudos ainda na infância e o retorno à escola por meio do supletivo, experiência que culminou em sua atuação como educador e, posteriormente, como professor da EJA.

Sua narrativa é atravessada por múltiplas vozes, entre elas a voz de uma infância trabalhadora, a da religiosidade, a da militância popular e a do professor reflexivo. Esse movimento dialógico, descrito por Bakhtin (2003) como polifonia, apresenta-se quando o autor menciona sua atuação no MOVA (Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos):

Em 1999, no governo de Olívio Dutra, fui educador do MOVA, sendo coordenador popular de 12 turmas de alfabetização. [...] Quando deixei o sacerdócio religioso e com grande experiência de trabalhar com pessoas e educação, entrei no Estado em 2014. (Professor 1, Dados da pesquisa).

A presença do relato político e comunitário dialoga com o que Street (1984) evidencia como prática social que expressa ideologias e pertencimentos coletivos. Nesse sentido, em seu registro o Professor 1 mostra compreender a educação como espaço de transformação, em que o ato de alfabetizar é também um ato de emancipação no sentido freiriano de educar.

Ao refletir sobre os desafios contemporâneos da docência, ele aponta a pandemia e as mudanças tecnológicas como fatores que impactam a prática pedagógica:

Vejo e percebo o grande desafio que temos com a educação em nosso país [...] principalmente tendo passado pela pandemia de Covid em 2019. [...] Também com um governo que na área da educação odiava os ensinamentos de Paulo Freire. (Professor 1, Dados da pesquisa).

Esse trecho mostra letramento crítico alinhada ao pensamento freireano, pois o educador identifica as condições históricas que afetam a educação e reconhece a dimensão política de seu papel. Para Freire (1996, p. 29), “ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo”.

As expectativas do docente quanto ao Pacto EJA refletem uma postura esperançosa, ancorada na crença de que políticas públicas podem revalorizar o papel docente. Ele escreve:

Minhas expectativas com relação ao Pacto EJA são muito boas, pois estou percebendo o grande empenho do governo atual com esta demanda de pessoas ainda analfabetas [...] uma certa correção histórica extremamente necessária. (Professor 1, Dados da pesquisa).

Sob a lente dos Novos Estudos dos Letramentos, a voz do professor nesse trecho evidencia o letramento como prática social e ideológica (Street, 1984), pois revela a forma como o professor interpreta e se posiciona diante das políticas educacionais e das condições históricas que marcam a EJA. O discurso do educador não se limita a um desejo individual; ele expressa uma leitura crítica do contexto e uma compreensão de seu papel social como sujeito da palavra e da ação.

Ao reconhecer na formação continuada uma oportunidade de reconstruir sentidos sobre o ensinar, o professor mobiliza o que Lea e Street (2000) denominam prática situada de letramento, em que se observa um modo de agir e significar que nasce das interações concretas, das experiências vividas e das expectativas em torno da profissão docente.

Nessa mesma direção, Gee (1996) lembra que os letramentos se entrelaçam aos discursos que moldam as identidades. O professor não apenas descreve um plano de ação futura, mas reafirma sua identidade de educador engajado, consciente de que a transformação social depende também de sua palavra e de sua prática.

Assim, na perspectiva dos NEL, o registro do professor expressa a capacidade de refletir criticamente sobre a realidade e de (re)construir significados sobre o próprio fazer pedagógico. Em diálogo com Bakhtin, essa postura assume a forma de uma voz responsiva ativa, que é a voz de um sujeito que não apenas recebe o discurso, mas o ressignifica e o projeta para o futuro, unindo passado (história de vida), presente (prática) e futuro (expectativas formativas).

Na Carta 2, o segundo participante apresentou um percurso formativo marcado pela superação e pela valorização da educação como instrumento de mudança. Filho de família de baixa renda, o Professor 2 relatou que começou a trabalhar aos 12 anos em fábricas de calçado, conciliando, mais tarde, estudo e trabalho até ingressar na universidade. Sua narrativa ecoa a voz de muitos sujeitos da EJA, trabalhadores que veem na escola a possibilidade de transformação pessoal e coletiva.

Vim de família simples, de baixa renda e sempre estudei em escola pública. Trabalhei em fábricas de calçado desde meus 12 anos de idade até meus 26, quando tive minha primeira experiência com a educação. (Professor 2, Dados da pesquisa).

O trecho aponta para o que Lea e Street (2000) denominam práticas de letramento situadas, nas quais o conhecimento que se produz em contextos específicos, mediado por condições materiais e simbólicas. O Professor 2 narra sua trajetória como experiência formativa e, ao narrá-la, legitima o saber da experiência como componente essencial da docência.

Na passagem em que relata o início da carreira docente, observa-se o reconhecimento de uma identidade em construção:

Minha história na educação é recente, ainda engatinhando, mas me espelho em meus colegas, procuro os bons exemplos a seguir, me esforço e dou o melhor de mim, acreditando que estou no caminho certo. (Professor 2, Dados da pesquisa).

Podemos afirmar que o discurso do Professor 2 é polifônico, em que é possível perceber as vozes do professor iniciante, do trabalhador, do aluno, do professor em formação e do sujeito esperançoso. A escrita, nesse caso, funciona como ato de autoria, no sentido bakhtiniano do termo, no qual o sujeito assume sua voz no diálogo com as vozes institucionais e formativas.

Ao tratar da EJA, o educador mostra empatia e compreensão social do papel da escola:

Como professor do EJA, é possível ver a tamanha importância deste modelo, a grande diversidade de educandos que recebemos e a esperança destes para uma vida melhor através da educação. [...] Me solidarizo com estes educandos, eles têm o direito de estar em uma escola tanto quanto os alunos do regular. (Professor 2, Dados da pesquisa).

Nessa fala, a voz docente está em consonância com Freire (1987), para quem “a prática educativa é um ato de amor, por isso, um ato de coragem”. A carta do Professor 2 sinaliza que ele reconhece nos estudantes a própria história e na docência uma forma de retribuir à sociedade as oportunidades conquistadas.

Ao encerrar sua carta, o autor projeta o futuro da formação docente com esperança, pois diz: “Acredito estarmos no caminho certo e com a continuidade desta formação, vamos estar cada vez mais preparados para estes desafios.” (Professor 2, Dados da pesquisa). Nesse excerto, observamos o movimento dialógico de autoconstrução, em que o sujeito, ao narrar-se, também se forma. O discurso do Professor 2 demonstra que os letramentos, em especial os letramentos dos docentes, como um processo inacabado, aberto às trocas e à transformação constante.

A terceira narrativa analisada destaca a dimensão afetiva do letramento docente, pois relata como o vínculo entre emoção, memória e prática pedagógica contribui para a reconstrução de si como sujeito da educação. Nessa carta, a escrita aparece como espaço de

acolhimento e elaboração identitária, em que os letramentos se manifestam também como afeto e pertencimento. A carta da Professora apresentou-se como uma narrativa marcada pela emoção, pela resiliência e pelo reconhecimento da docência como espaço de cura e reinvenção. Seu relato inicia em tom confessional e afirmativo: “Esta é a carta pedagógica de uma professora realizada e que está em um momento ótimo da vida.” (Professora 3, Dados da pesquisa).

A história da Professora 3 trouxe relatos de luta pessoal, perdas e superações que repercutem em sua trajetória profissional. A morte precoce do pai, o início do trabalho ainda na adolescência e as dificuldades para continuar os estudos evidenciam um contexto de letramento situado (Street, 1984; Barton e Hamilton, 1998), no qual a aprendizagem também ocorre em meio às adversidades sociais e afetivas.

Em seu texto, a Professora 3 narrou a importância da insistência da mãe na continuidade dos estudos, o que dialoga com um aspecto importante nos Novos Estudos dos Letramentos que é o reconhecimento de que os saberes circulam em redes sociais e afetivas. A mãe, como mediadora de sentido, torna-se agente de letramentos, um elo entre o desejo e a concretização de um projeto de vida.

Sua carta apresenta uma trajetória permeada por rupturas e retomadas, um ciclo de desistências e recomeços cujo relato pode ilustrar o caráter inacabado e dialógico da formação docente (Freire, 1996). Quando relata dificuldades cognitivas após o parto e período de depressão, a professora demonstra a dimensão humana da docência, com o corpo e a emoção como partes constitutivas do processo formativo. “Veio a decepção ao perceber que eu não tinha condições cognitivas de acompanhar novas aprendizagens. [...] Parei de frequentar as aulas e segui trabalhando na educação infantil.” (Professora 3, Dados da pesquisa).

A partir da voz da Professora 3, é possível inferir que, ao retomar os estudos e reconstruir sua carreira, ela ressignifica a própria identidade docente. Para Bakhtin (2003), o sujeito se constitui no diálogo com o outro e com a própria história; em sua carta, essa noção ganha forma concreta, pois a professora registra que se reescreve a partir da escuta, do trabalho e da fé.

Um ponto bastante significativo da narrativa trata do reencontro com a docência mediado pelo afeto e pela alteridade, pois a professora diz: “Sou colocada por Deus em uma escola maravilhosa coordenada pela Supervisora X, que me faz me sentir viva, capaz de ser a professora que sempre acreditei ser.” (Professora 3, Dados da pesquisa). Nesse trecho, o discurso apresenta-se com caráter afetivo, que se constrói nas relações interpessoais e que fortalece o sentimento de pertencimento docente.

A carta da Professora 3 evidencia, portanto, a dimensão emocional da formação e o papel da EJA como espaço de reconstrução. Em termos freireanos, trata-se da educação como prática de esperança, em que a escuta e o acolhimento se tornam gestos pedagógicos fundamentais.

Na Carta 4, evidencia-se o letramento profissional e o educador como sujeito de transformação. A narrativa do Professor 4 apresenta-se em formato clássico de carta, com tom reflexivo e estruturado. Sua carta inicia com um convite ao diálogo consigo mesmo: “Caro Professor 4, é com alegria que compartilho estas reflexões pedagógicas...”, o que pode ser compreendido como o princípio bakhtiniano de que todo enunciado é uma resposta, um movimento de interlocução.

Conforme o relato, a trajetória do Professor 4 é marcada pela mobilidade social e pela transição de identidades: de metalúrgico a professor, ele associa o aprendizado ao esforço e à transformação. “De metalúrgico a professor, construí um caminho que comprova o poder transformador da educação.” (Professor 4, Dados da pesquisa). Essa passagem sintetiza a noção de letramento como prática social (Street, 1984; Gee, 1996), na qual o domínio da linguagem e dos saberes escolares pode ser também poder de ação no mundo.

Na carta pedagógica do Professor 4, sua voz apresentou-se com um compromisso ético e social, pois traz a docência como uma ação coletiva. A relação com a EJA é descrita como experiência de sensibilidade e empatia:

A EJA é um espaço de acolhimento, onde os alunos carregam histórias de vida complexas e, muitas vezes, marcadas por exclusão. [...] É preciso não só dominar os conteúdos, mas também ser empático, paciente e motivar aqueles que retornam aos estudos. (Professor 4, Dados da pesquisa).

Nessa fala, percebemos os letramentos acadêmicos (Lea; Street, 2014) como uma concepção de letramentos adotada pelo Professor 4, ou seja, nesta concepção o professor não é mero transmissor, mas mediador de sentidos. A ênfase na empatia e na paciência remete à ideia freiriana de amorosidade pedagógica e o ato de educar como prática de cuidado e reconhecimento da dignidade do outro.

Ao refletir sobre os desafios da EJA, o Professor 4 aborda a diversidade de aprendizagens, a falta de recursos e o equilíbrio entre vida pessoal e profissional. Esses elementos, quando narrados, transformam-se em práticas discursivas de letramento profissional, no sentido de Barton e Hamilton (1998), podemos afirmar que trata também sobre modos de usar a linguagem para compreender, avaliar e aperfeiçoar o próprio fazer docente.

Por fim, o Professor 4 explicita suas expectativas em relação ao Pacto EJA, destacando o desejo de consolidar sua identidade como agente de transformação.

Minha história demonstra que a educação é uma via de transformação, tanto para quem ensina quanto para quem está aprendendo. [...] Que as oportunidades do Pacto EJA intensifiquem meu trabalho e me motivem a seguir transformando vidas através da educação. (Professor 4, Dados da pesquisa).

A carta expressa o olhar do docente sobre o papel do professor como sujeito histórico e político, capaz de articular saberes e experiências em prol de uma educação libertadora.

A leitura das cartas docentes permite olhar para o processo formativo analisado e aponta para alguns indícios sobre os letramentos que podem ser percebidos nas vozes dos docentes, evidenciados nas diferentes concepções de linguagem, educação e letramentos que se encontram em suas narrativas. Na produção desses registros temos, de um lado, o pensamento de Paulo Freire sustenta a centralidade do diálogo, da escuta e da consciência crítica como práticas de libertação e formação, de outro, os Novos Estudos dos Letramentos que ampliam essa discussão ao situar o letramento nas relações sociais, culturais e de poder que atravessam os sujeitos.

Embora partilhem a defesa de uma educação emancipadora, os NEL se distanciam de Freire ao enfatizar que as práticas de letramento não se limitam à apropriação de conhecimentos ou à dimensão política, mas envolvem múltiplos modos de significar e agir no mundo. Assim, o diálogo entre essas perspectivas permite compreender as cartas pedagógicas como espaços de formação, em que a escrita pode ser compreendida como ato político e prática social e os professores, como sujeitos de linguagem que produzem sentidos sobre si, sobre a docência e sobre a EJA.

Quanto às convergências e divergências entre as cartas analisadas, é possível sinalizar que os letramentos dos docentes na Educação de Jovens e Adultos (EJA) se constroem no encontro entre vida, trabalho e formação. Em cada narrativa, encontramos marcas que revelam como os professores compreendem e ressignificam suas trajetórias, como a valorização da experiência de vida como saber, o compromisso político com a docência, o reconhecimento da EJA como espaço de inclusão e transformação e a escrita como forma de diálogo e autoria. Esses elementos reforçam a compreensão de que os letramentos não se limitam ao domínio técnico da leitura e da escrita, mas são práticas sociais e ideológicas (Street, 1984; Lea e Street, 2000), atravessadas por histórias, valores e modos de ver e estar no mundo.

Na perspectiva de Paulo Freire, as cartas se tornam um exercício de conscientização e de escuta sensível. Ao escrever sobre si, o professor revisita sua história, reconhece suas raízes, fragilidades e aprendizagens, e se percebe como sujeito em construção, sempre inacabado. Dialogando com Bakhtin (2003), compreende-se que cada carta é também uma resposta, uma

palavra que nasce do encontro com outras vozes, experiências e contextos. Assim, o texto escrito se torna espaço de diálogo entre o eu e o outro, entre o vivido e o sonhado, apresentando os letramentos que se constroem nas relações e nas trocas.

Os Novos Estudos dos Letramentos acrescentam que toda escrita é também uma prática social, situada e carregada de sentidos. Nas cartas, os docentes se colocam como autores de suas experiências e constroem modos próprios de compreender e exercer a docência. Dessa forma, os letramentos docentes aparecem como práticas de reflexão, resistência e pertencimento, em que o ato de escrever é também um modo de existir, aprender e se posicionar no mundo.

As quatro cartas trazem um conjunto de vozes que, mesmo partindo de trajetórias distintas, se encontram na defesa de uma docência comprometida com o outro e com a transformação social. O Professor 1 evidencia um olhar político; o Professor 2 ressalta o compromisso social; a Professora 3 traz a emoção, o cuidado e a espiritualidade; e o Professor 4 reflete sobre a ética e a racionalidade no ensino. Essas vozes não se somam de forma linear, mas se entrelaçam e se tensionam, compondo o que Bakhtin denomina dialogismo: um movimento vivo de escuta, confronto e construção coletiva de sentidos.

Em diálogo com Freire e com os Novos Estudos dos Letramentos, as cartas pedagógicas indicam que os letramentos docentes na EJA são, antes de tudo, práticas de esperança e de resistência. Ao escreverem, os professores não apenas narram o que viveram, mas reinventam o próprio caminho, reafirmando a palavra como espaço de formação, afeto e transformação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo, fundamentado no diálogo entre Paulo Freire, Mikhail Bakhtin e os Novos Estudos dos Letramentos, buscou compreender como os docentes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) constroem seus letramentos a partir da reflexão sobre a prática e da escrita das cartas pedagógicas no contexto formativo do Pacto Nacional pela Superação do Analfabetismo e Qualificação na EJA.

A análise de quatro cartas pedagógicas evidenciou que a formação docente na EJA transcende a dimensão técnica e instrumental do ensino, configurando-se como um processo de autoconhecimento, diálogo e letramentos.

Em cada narrativa, o ato de escrever revelou-se uma prática de letramento situada e ideológica, no sentido proposto por Brian Street (1984), em que a escrita não apenas registra, mas constitui identidades, relações e valores. Nos textos analisados, o gesto de escrever tornou-

se espaço de escuta e de resposta, de encontro entre o eu e o outro, como um verdadeiro círculo de cultura no qual o sujeito se reconhece e se transforma.

Os diferentes letramentos revelados nas vozes dos docentes mostram a docência na EJA como um campo de saberes que se constrói no entrelaçamento entre teoria e prática, emoção e racionalidade, experiência e formação.

A partir deste estudo, foi possível olhar para a formação docente, inspirada na metodologia dos círculos de cultura freirianos, como evento de letramento no qual os professores se reconhecem como autores de suas próprias histórias e coautores da história dos outros. Sob a ótica bakhtiniana, as cartas configuram-se como atos enunciativos carregados de responsividade às vozes da formação, da escola, dos colegas, dos alunos e das experiências vividas. A palavra do professor, quando se torna reflexão, carrega a potência de gerar novas palavras, novos sentidos e novos modos de ser docente.

Em diálogo com os Novos Estudos dos Letramentos, reforça-se a compreensão de que ensinar e aprender não são práticas neutras, mas práticas sociais e ideológicas, atravessadas por valores, identidades e relações de poder.

Assim, a partir dos dados da pesquisa, é possível afirmar que a escrita das cartas pedagógicas constitui-se como ferramenta formativa e de construção identitária, permitindo ao professor refletir sobre sua trajetória, suas práticas e seus desafios; os círculos de cultura revelaram-se como espaços de escuta, diálogo e reconstrução de saberes, fortalecendo o sentimento de pertencimento e coletividade; e a EJA constitui território de resistência e esperança, em que a docência assume sentido ético, político e humanizador.

Por fim, a formação docente, quando mediada por práticas de letramentos, é mais do que atualização profissional: é um ato de resistência, autoria e compromisso com a educação. As cartas analisadas revelam uma docência que ensina e aprende, que erra e recomeça, que sente e se refaz, elas configuram-se como espaços de autorreflexão e construção identitária dos docentes da EJA, bem como podem evidenciar desafios, potencialidades e os diferentes modos como seus letramentos se constituem e se transformam ao longo da trajetória profissional.

Esse estudo pode contribuir para a valorização do professor da EJA como sujeito ativo na construção de saberes e reforçar a necessidade de políticas formativas que reconheçam sua experiência e singularidade. Nesse sentido, são necessários novos e potentes estudos sobre ações de formação continuada permeadas pelo diálogo e valorização da multiplicidade de letramentos, pois permitem olhar para cada contexto dentro de suas especificidades.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática: por um ensino de língua sem pedantismo.** São Paulo: Parábola, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARTON, David; HAMILTON, Mary. **Local Literacies: Reading and Writing in One Community.** London: Routledge, 1998.

BRASIL. **Decreto nº 12.048, de 5 de junho de 2024.** Institui o Pacto Nacional pela Superação do Analfabetismo e Qualificação da Educação de Jovens e Adultos, institui a Medalha Paulo Freire e altera o Decreto nº 10.959, de 8 de fevereiro de 2022, que dispõe sobre o Programa Brasil Alfabetizado. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 6 jun. 2024. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2024/decreto/D12048.htm. Acesso em: set. 2025.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CEB n. 3, de 8 de abril de 2025:** institui as Diretrizes Operacionais Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos – EJA. *Diário Oficial da União*, Brasília, Seção 1, p. 16, 9 abr. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/cne/resolucoes-ceb-2025>. Acesso em: set. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade.** São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez, 1987.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** 20. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

GEE, James Paul. **Social Linguistics and Literacies: Ideology in Discourses.** 2. ed. London: Routledge, 1996.

LEA, Mary; STREET, Brian. **Student Writing in Higher Education: An Academic Literacies Approach.** *Studies in Higher Education*, v. 23, n. 2, p. 157–172, 2000.

STREET, Brian. **Literacy in Theory and Practice.** Cambridge: Cambridge University Press, 1984.